

REI

RAGNAR JÓNASSON

QUIA

KATRÍN JAKOBSDÓTTIR

VIOLLE

TOP
SEL
LER

«Um êxito. Com um enredo perfeito, personagens fantásticas e muitas reviravoltas surpreendentes e merecidas.»

THE NEW YORK TIMES

Esta obra é dedicada a Agatha Christie,
que nos inspirou a paixão pela literatura policial.

Índice

<i>Lista de Personagens Principais</i>	9
REIQUIAVIQUE	
<i>Posfácio</i>	301

Personagens Principais

Lára Marteinsdóttir	1941–?
Valur Róbertsson	jornalista no semanário <i>Vikubladid</i>
Sunna Róbertsdóttir	estudante de literatura, irmã de Valur
Margrét Thorarensen	estudante de ciências políticas, namorada de Valur
Jökull Thorarensen	advogado, pai de Margrét; antigo ministro da Justiça
Nanna Thorarensen	advogada, mãe de Margrét
Gunnar Gunnarsson	estudante de teologia, amigo de Valur e de Sunna
Katrín Gudjónsdóttir	amiga de Margrét nos Registos Nacionais
Kamilla Einarsdóttir	senhoria de Sunna
Kristján Kristjánsson	agente da polícia
Gudrún Reykdal	mulher de Kristján
Snorri Egilsson	agente da polícia
Dagbjartur Steinsson	editor do <i>Vikubladid</i>
Laufey Karlsdóttir	mulher de Dagbjartur
Baldur Matthíasson	jornalista do <i>Vikubladid</i>
Sverrir e Kiddi	funcionários do <i>Vikubladid</i>

Ólöf Blöndal	antiga habitante de Videy
Óttar Óskarsson	advogado, marido de Ólöf
Thórdís Alexandersdóttir	atriz
Finnur Stephensen	grossista, marido de Thórdís
Páll Jóhannesson	vereador municipal
Gunnlaug Haraldsdóttir	mulher de Páll
Elísabet Eyjólfsdóttir	secretária de Páll
Högni Eyfjörd	promotor imobiliário
Marteinn e Emma	pais de Lára Marteinsdóttir

PARTE I

1956

6 de agosto

O chapéu cinzento esvoaçou até ao mar.

Kristján saíra da casa do leme para contemplar a vista sobre a baía de Faxaflói e desfrutar da aproximação da ilha baixa e verdejante, a qual se destacava contra o fundo das montanhas. Quando a rajada de vento atingiu a pequena embarcação de pesca, ele reagiu com prontidão, mas sem conseguir ir a tempo de sustentar o chapéu. Depois, e embora jamais o fosse admitir em voz alta, concluiu que havia coisas piores; na verdade, o chapéu, uma prenda de Natal da sua noiva, nunca o favorecera particularmente. Agora, ele dispunha de uma desculpa para comprar um novo.

Aquilo significava que ele ia fazer de cabeça descoberta a sua visita à ilhota de Videy, muito próxima do litoral de Reiquiavique. Mas, o que importava isso, quando tudo aquilo ameaçava saldar-se numa perda de tempo? Ainda na casa dos 20 anos, Kristján não estava habituado a que lhe confiassem projetos importantes, porém, encontrava-se de serviço neste fim de semana prolongado de agosto, durante a ausência do seu oficial superior.

Ali, dentro do barco, parecia que o breve verão islandês estava prestes a findar naquela manhã de agosto, sem um abrigo que o protegesse do vento, e com o sol a ocultar-se atrás das nuvens. A inexistência de um serviço regular de ferries para a ilha obrigara-o a improvisar, recorrendo aos serviços de um velho pescador seu conhecido.

— Estamos quase lá, Kristján — bradou o capitão da casa do leme, com a voz rouca.

O jovem acenou com a cabeça, para ninguém em particular, e apertou mais um botão do impermeável, a resguardar-se do frio. Aquela viagem, quanto mais não fosse, permitia-lhe mudar de cenário, refletiu ele, tentando ver a situação pelo lado positivo.

No cais, uma mulher aparentando ter pouco mais de 30 anos estava parada à sua espera. Kristján pedira ao seu amigo pescador que o viesse buscar dentro de hora e meia. Quando regressasse à capital, a manhã inteira ter-se-ia esgotado nesta visita.

A mulher estendeu-lhe a mão.

— Chamo-me Ólöf Blöndal. Seja bem-vindo a Videy. — Ela exibia uma expressão grave, sem a sombra de um sorriso.

— Como está? Chamo-me Kristján — disse ele. Kristján detetava algo ligeiramente estranho nos modos de Ólöf. Parecia evasiva, mas, ao mesmo tempo, ele podia jurar que ela se sentia aliviada ao vê-lo ali.

— Por aqui — indicou a mulher com alguma hesitação, começando a subir a encosta coberta de erva que partia do cais. Kristján seguiu-a, reparando que ela tinha o cabelo ruivo e curto, e vestia uma espessa camisola de lã.

Dois edifícios distintivos, de telhados pretos, começaram a assomar entre o par de colinas verdejantes da ilha: a antiga mansão colonial dinamarquesa e, junto dela, a pequena igreja. Já mais próximo, Kristján reparou no nível de degradação que as atingira, com a tinta a estalar nas paredes e nos caixilhos das janelas. Mais à frente, divisou algumas construções em ruínas, uma das quais parecia um alpendre para gado; relíquias dos dias em que ainda funcionava ali uma quinta. Quando já estavam a meia distância, Ólöf deteve-se e virou-se para ele.

— Na verdade, não vamos para ali. O meu marido está em casa... Nós vivemos perto daqui — disse ela.

Kristján assentiu.

— Está alguém a...

A mulher interrompeu-o.

— As chaves da mansão estão connosco, mas não vive lá ninguém — referiu ela. — A casa já sofreu alguns estragos, mas até está em boas condições, se tivermos em conta a sua idade. Tem 200 anos. É o edifício de pedra mais antigo da Islândia.

— Em relação à rapariga, a Lára...

Mais uma vez, Ólöf não o deixou prosseguir.

— É melhor falar com o meu marido — sugeriu ela.

Kristján continuou a caminhar a par com a mulher, sem que nenhum dos dois dissesse alguma coisa. Uma brisa turbulenta fustigava a ilha, mas o tempo parecia estar mais quente ali do que na travessia, apesar da ausência do sol. Depois de andarem mais alguns minutos, Kristján perguntou:

— Desculpe, a Ólöf disse-me que vivia aqui com o seu marido, é isso?

— Mudámo-nos para cá na primavera, para uma casa que pertence à minha família. Também passámos o verão passado aqui. Isto é... — Ela fez uma pausa. — Não existe nada que se possa comparar a isto.

Kristján não duvidava; a ilha era um lugar pitoresco, de facto, com os seus prados verdejantes rodeados pelas águas azuis da baía, e tendo a figura imponente do monte Esja como pano de fundo. Contudo, parecia-lhe notar pouca convicção nas palavras de Ólöf.

A mulher continuou a falar, um pouco atabalhoada.

— A nossa casa não é muito longe daqui. Fica mais ou menos a meio caminho entre a mansão e a antiga escola.

Enquanto prosseguiam, Kristján deixou-se levar pelos seus pensamentos. Estar ao ar livre era algo que lhe dava prazer, mas ele gostaria de ter passado aquele último dia de verão a fazer algo muito diferente. Nos últimos anos, Kristján e dois amigos dedicavam os seus tempos livres à prática de montanhismo, inspirados pela conquista do monte Everest por Edmund Hillary e Tenzing Norgay, três anos antes. Embora sem esperança de vir a conquistar aquelas alturas, Kristján fazia bons progressos. Poucos dias antes, chegara-lhe a notícia da primeira escalada ao pico do Hraundrangi, em Öxnadalur, no

norte da Islândia. Kristján travara conhecimento com os dois islandeses que tinham feito a subida em conjunto com um americano. O que ele não daria para estar lá naquele momento, e não ali, no ambiente pouco estimulante de Videy.

Embora o terreno não oferecesse dificuldades, ele andava com cuidado, escolhendo o caminho entre os tufo de erva alta. Recordava-se de como a sua mãe costumava dizer a brincar que os homens islandeses pareciam andar como se pisassem terrenos acidentados, mesmo quando o piso era perfeitamente plano. Fosse como fosse, a sua principal preocupação era sair dali sem torcer nem distender um tornozelo... nem sujar o fato, já agora. Ele possuía três fatos: o cinzento-claro que levava vestido era o mais novo; o fato às risquinhas já estava um pouco coçado; e o preto, que ele reservava para ocasiões formais, como os funerais.

Uma antiga casa de madeira surgiu à frente deles, com a tinta preta a lascar. Era óbvio que já vira melhores dias. Nesse momento, uma andorinha-do-mar-ártica executou um voo rasante sobre a cabeça de Kristján, e este ia a lançar mão ao chapéu para enxotar a ave, mas lembrou-se quando já era tarde demais que o acessório já estaria a flutuar algures na baía de Faxaflói.

— Não se preocupe — tranquilizou-o Ólöf —, a época de reprodução já terminou, pelo que ela não vai atacá-lo. — O tom da voz da mulher suavizou-se por momentos, como se ela se tivesse esquecido de que estava acompanhada por um polícia em serviço.

O marido de Ólöf não saiu de casa para ir recebê-los. Ao aperceber-se disso, Kristján interrogou-se por que razão teria sido Ólöf a ir ao seu encontro no barco. Era assim que o casal costumava fazer as coisas, ou haveria algo mais por detrás disso?

— Entre — convidou Ólöf, num tom bastante seco, assim que chegaram à casa.

Kristján entrou para um vestíbulo que, afinal, fazia parte da sala de estar. Estava calor ali dentro; quase desconfortável para aquela época do ano.

— Óttár! — chamou Ólöf. — Óttar, está aqui o polícia.

Kristján ouviu um ruído no piso de cima, seguido de uns passos que ressoaram fortemente na velha casa de madeira. Sem proferir uma palavra, Ólöf dirigiu-se à sala de estar e puxou uma cadeira de uma grande mesa em carvalho, dirigindo um gesto a Kristján para o convidar a sentar-se.

Ele assim fez, ficando a aguardar. Ólöf também se sentou.

— Bom dia — saudou o homem que acabara de descer as escadas.
— Chamo-me Óttar. Posso deduzir que é o Kristján?

— Sou, sim. Fico-lhe muito grato por aceder a receber-me. Falei-lhe brevemente sobre o assunto ao telefone, mas o facto é que estamos preocupados com a Lára.

— Ela decidiu ir-se embora — afirmou Óttar com ar categórico.
— Deu por concluída a sua estada aqui. Não sei porquê. Estávamos muito satisfeitos com ela no início do verão. A Lára, parecia ser empenhada e responsável. Mas os jovens de hoje... — Enquanto falava, o seu rosto não denotava qualquer emoção. Kristján olhou de relance para Ólöf e esta baixou o olhar.

— Lembre-me a idade dela — pediu o jovem agente, embora já soubesse a resposta.

— Quinze anos — respondeu Ólöf, calmamente.

— Quinze anos — repetiu Kristján. — E está a dizer que ela resolveu regressar a Reiquiavique? Que voltou para casa?

— Sim — confirmou Óttar.

— Quando?

— Na sexta-feira. Sexta-feira de manhã. Eu manifestei-lhe o meu desacordo, naturalmente. Tínhamos combinado que a Lára ia dar-nos uma ajuda durante todo o verão. Contudo, foi impossível dissuadi-la da sua decisão.

Kristján lançou um novo olhar de soslaio a Ólöf. A mulher continuava sentada e imóvel, com o olhar parado nas suas mãos.

— Como lhe referi ao telefone, ninguém a viu nem soube nada dela em Reiquiavique... — Kristján deixou as palavras suspensas no ar, observando a reação dos dois. Ólöf não levantou o olhar; o rosto de Óttar mantinha-se imperturbável.

— Talvez eu possa colocar a questão de outra maneira — insistiu Kristján. — Viu-a sair daqui na sexta-feira?

— O cais não se avista daqui — respondeu Óttar. — E não me cabia fazer-lhe uma despedida. Se as pessoas resolvem partir, isso é um assunto que lhes diz respeito, na minha opinião.

— E a Ólöf? Deu por ela sair?

A mulher abanou a cabeça.

— Eu não vi nada — afirmou ela, com a voz ligeiramente rouca.

— Como tencionava a Lára regressar à cidade?

— Não faço ideia. Ela disse que alguém a vinha buscar... um amigo ou familiar, julgo eu. Nunca dou grande atenção às idas e vindas dos barcos.

— Têm um barco próprio? — inquiriu Kristján.

— Sim, claro — replicou Óttar. — Contudo, a rapariga não nos pediu que a levássemos de volta e, para ser franco, eu não tinha vontade de o fazer, depois do transtorno que ela nos causou. Além do mais, conforme lhe disse, ela tratou de tudo sozinha.

— Têm a certeza de que ela saiu daqui?

— Mas que pergunta é essa? — insurgiu-se Óttar, indignado. — É claro que temos a certeza. Ela despediu-se de nós e nunca mais a vimos desde então.

Kristján virou-se para Ólöf à espera de a ouvir falar. A mulher fez um momento de silêncio, até responder.

— Sim, a Lára foi-se embora, sem dúvida nenhuma. Levou todos os seus pertences.

— Os pais costumavam falar com ela regularmente — continuou Kristján —, por isso, o facto de ela não lhes ter telefonado no fim de semana começou a deixá-los preocupados. Eles têm estado em contacto convosco?

— Sim, têm — referiu Óttar. — E eu disse-lhes o mesmo que estou a dizer-lhe a si. Não consigo compreender de todo por que motivo se deu ao trabalho de fazer o caminho até aqui. Podíamos ter respondido a todas as suas questões por telefone. Pode ver com os seus próprios olhos que a rapariga não está aqui.

— Preciso de dar uma volta pela ilha para me certificar desse aspeto. Videy é bastante grande, certo?

— Três quilómetros de uma ponta à outra — precisou Óttar.

— A maior ilha da baía — acrescentou Ólöf.

— E presumo que haja uma grande quantidade de esconderijos, não é?

— Bom — disse Ólöf —, existe a nossa casa e a mansão, claro. E a igreja. Além da antiga escola. E...

— Acho que não é preciso fazer a lista de todos os edifícios da ilha, Ólöf — atalhou Óttar. — Deixa o homem fazer aquilo que sente ser o seu dever para ficar descansado. Embora eu não compreenda por que diabo ele pensa que a Lára ia ficar escondida na ilha durante o fim de semana inteiro.

— Como é que ela estava? — quis saber Kristján.

— O que quer dizer? — contrapôs Óttar.

— Andava deprimida? Existe alguma razão que os leve a pensar que ela ocultava alguma coisa? Que vos escondia um segredo?

Óttar abriu a boca para responder, mas pareceu mudar de ideias a seguir. Após uma pausa demorada, respondeu:

— Não havia nada de errado com a rapariga — garantiu ele. — Ela estava apenas aborrecida por viver aqui connosco. Bom, que faça boa viagem, é o que lhe desejo. No próximo verão, vamos ser mais exigentes quando escolhermos alguém para nos ajudar.

— Compreendo. Seja como for, ela não regressou a casa dos pais. O que levanta dúvidas, apenas isso. Claro que é sempre possível que ela tenha partido daqui na sexta-feira e...

— Possível? — interrompeu Óttar. — Eu estou a afirmar-lhe que ela se foi embora, e seja o que for que tenha acontecido depois disso não é da nossa conta. Não nos chegaram notícias sobre algum barco que se tenha afundado, o que só reforça a ideia de que ela estará noutro sítio qualquer.

— Não, eu saberia se algo do género tivesse acontecido — concordou Kristján. — O problema é que não existem registos de embarcações que tenham aportado aqui na sexta-feira, embora isso não

descarte a possibilidade de alguém ter vindo buscá-la. A Lára vivia aqui em casa convosco?

— Em que outro sítio iria ela viver? — retrucou Óttar, impaciente.

— Posso ver o quarto dela? — pediu Kristján.

O homem encolheu os ombros.

— É lá em cima. Mas não há nada para ver ali. — Ele não fez menção de se mover, mas Ólöf levantou-se.

— Eu levo-o lá acima — ofereceu-se ela, com um tom de voz mais amigável do que o do marido.

Os degraus da velha casa de madeira rangiam. O quarto de hóspedes era pequeno, mas tinha um ambiente razoavelmente acolhedor, com um teto inclinado, uma estante e uma janela de lucerna com vista sobre o mar.

— A rapariga trouxe os livros com ela? — perguntou Kristján.

— Oh, não, estes são nossos. Temos livros espalhados por todas as divisões. Criam um ambiente agradável. É o meu marido quem os coleciona. Ele é advogado, como provavelmente já sabia. E bastante conhecido, na verdade.

De facto, o nome era familiar a Kristján. Ele acenou com a cabeça.

— O Óttar quis fazer uma pausa no exercício da advocacia e dedicar-se ao trabalho académico durante algum tempo. A nossa ideia é tentar viver aqui nos verões. É bom estar perto... — A voz de Ólöf esmoreceu, enquanto ela desviava o olhar.

— A Lára levou tudo o que lhe pertencia? — perguntou Kristján.

— Sim, levou tudo — confirmou Ólöf. — Não ficou aqui nada.

— Ela disse-lhe alguma coisa?

— Perdão?

— A Lára. Antes de partir.

— O que quer dizer?

— Como justificou ela a sua decisão?

Ólöf hesitou.

— Não justificou — acabou ela por dizer. — Ela, hã, ela limitou-se a partir.

— Ela deve ter dito alguma coisa antes de sair daqui. Segundo o seu marido, a Lára anunciou que se ia embora.

— Ah, sim, desculpe. Eu expliquei-me mal. A Lára disse-nos apenas que queria desistir do trabalho antes do fim. Ela pediu-nos autorização para o fazer. Nós dissemos que sim, naturalmente, mas não ficámos nada contentes.

— Não estão preocupados com ela? — indagou Kristján.

— Preocupados? Hã, não, nós só soubemos há pouco tempo que não tinha regressado a casa. Mas eu tenho a certeza de que ela está bem.

— Esperemos que sim.

— Podemos descer?

Kristján anuiu e seguiu Ólöf pelos degraus estreitos e rangentes.

Quando chegaram à sala de estar, Óttar tinha desaparecido. Ao olhar em redor, Kristján sobressaltou-se ao ouvir o dono da casa a aclarar a garganta atrás de si. Girou sobre os calcanhares, com a sensação desagradável do coração a acelerar.

— Chamam-no ao telefone.

— Como? — inquiriu Kristján, surpreendido.

— Telefone. Para si — repetiu Óttar, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Por aqui... no meu gabinete.

— Ah, sim? — Confuso, Kristján seguiu Óttar para uma sala revestida de estantes cheias de livros. O seu olhar foi atraído para uma prateleira com volumes dos acórdãos do Supremo Tribunal de Justiça. Sobre a secretária, encontrava-se um telefone preto com o auscultador pousado ao lado. Sentia-se um odor intenso a bolor. Parecia que o nível de degradação no interior da casa era semelhante ao que se via no exterior.

— Quem quer falar comigo? — perguntou Kristján.

— Alguém da polícia, é evidente — retorquiu Óttar.

Kristján aproximou o auscultador do ouvido. Enquanto oscilava nervosamente o peso do corpo de um pé para o outro, reparou no som cavo e vibrante emitido pelas tábuas do soalho. Devia existir uma adega húmida no piso inferior. Concluiu que não gostaria de viver numa casa velha como aquela.

— Fala Kristján Kristjánsson — disse ele para o auscultador.

— Viva, Kristján. Fala Eiríkur. — Kristján soube imediatamente de quem se tratava. O homem que estava duas posições acima dele na polícia: o chefe do seu chefe.

— Bom dia... — saudou ele com alguma hesitação.

— O Óttar esteve a falar comigo. Ele quer uma explicação para as perguntas bastante estranhas que tem andado a fazer-lhe a ele e à sua mulher.

— Trata-se apenas de perguntas de rotina. Estou a investigar o desaparecimento de uma rapariga de 15 anos, que já não é vista há alguns dias...

— Por outras palavras, uma rapariga que fugiu de casa?

— Bom, não temos a certeza absoluta de que seja assim. Ela estava a trabalhar aqui em Videy. Os pais dela estão preocupados... — Kristján não teve oportunidade de concluir a frase.

— Não existe nenhuma razão para incomodar o Óttar e a Ólöf desnecessariamente por causa disso. Deu-se ao trabalho de visitar a ilha pessoalmente?

Kristján desejava argumentar, tentar explicar-se, mas concluiu que provavelmente de nada serviria.

— Na verdade, eu estava quase a ir-me embora. Preparava-me para dar a visita por terminada.

— Excelente. Transmita os meus cumprimentos ao Óttar, está bem? E também à Ólöf Blöndal. Faça isso por mim, está bem?

Eiríkur desligou o telefone.

Kristján voltou a colocar o auscultador no devido lugar, com cuidado, tentando dar a ideia de que tudo estava em ordem.

— Não era nada de urgente — referiu ele a Óttar.

Ólöf estava parada na sala de estar, quando os dois regressaram do gabinete.

— Bom, penso que é tudo para já. A não ser que, por acaso, se tenham lembrado de mais alguma coisa... — O olhar de Kristján oscilou entre os dois membros do casal.

— Apenas o que já dissemos — declarou Óttar.

— Nesse caso, resta-nos esperar que a rapariga apareça — concluiu Kristján.

Uma vez mais, foi o homem quem falou em nome do casal.

— Isso vai acontecer, com certeza. E parto do princípio de que não iremos ter mais nenhuma visita como esta.

— Só mais uma coisa — disse Kristján. — O meu barco ainda demora algum tempo a chegar. Importa-se que eu dê uma volta por aqui enquanto estou à espera?

— Faça como quiser — respondeu Óttar. — Não somos donos da ilha.

— Nesse caso, acho que vou dar um pequeno passeio. Agradeço-vos o vosso tempo.

Kristján partiu em direção à escola a que Ólöf aludira, no extremo oriental da ilha, o único vestígio de uma aldeia que fora abandonada durante a Segunda Guerra Mundial. Enquanto percorria o caminho invadido pelas ervas, um sentimento de solidão abateu-se sobre ele. Durante a Idade Média, um mosteiro opulento fora erigido em Videy e, mais tarde, a ilha tornara-se a sede de governantes. Porém, na atualidade, os seus únicos habitantes, à parte Óttar e Ólöf, eram as ruidosas aves costeiras. A caminhada tomou-lhe mais tempo do que previra. Ao chegar ao seu destino, deparou-se com o edifício de dois pisos, construído em madeira, onde a escola funcionara. Estava vazio, naturalmente, sem qualquer sinal de que Lára alguma vez tivesse passado por lá. Kristján empreendeu o caminho de regresso, dirigindo-se ao ponto onde desembarcara, fazendo uma paragem para tentar abrir a porta da pequena mansão de pedra do século XVIII, mas constatou que estava trancada. Recordou-se de Ólöf ter referido que eles tinham umas chaves, mas não lhe passaria pela cabeça voltar a incomodar o casal para as pedir emprestadas. Ponderou naquilo que podia fazer. Videy estava praticamente dividida ao meio por um istmo estreito, o Eid, e Kristján avaliou a possibilidade de o atravessar para explorar a parte norte da ilha, mas concluiu que não dispunha de tempo para esse desvio.

Preocupado em não fazer o barco esperar, Kristján apressou o passo no regresso ao cais. A vista de Reiquiavique do outro lado do pequeno estreito era deslumbrante. A cidade desenvolvia-se rapidamente, transformando-se numa verdadeira metrópole, com novos bairros a desenvolverem-se por todo o lado e a ambiciosa igreja moderna a começar a tomar forma no topo da colina. Por fim, acabou por chegar ao cais com algum tempo de antecedência. O facto de o barco ainda não estar ali permitiu-lhe voltar para trás e ir dar uma olhadela à pequena igreja da ilha, que ele suspeitava não estar trancada. Embora estivesse perfeitamente convicto de que não iria encontrar a rapariga naquele local, Kristján não queria deixar de pesquisar.

Apesar do seu tamanho diminuto e do ar estagnado, o interior era surpreendentemente encantador, com particular destaque para o púlpito invulgarmente elevado, feito em madeira e pintado de azul e verde, e para os bancos de igreja igualmente coloridos. Ocorreu-lhe que aquele seria um bom local para se casar com Gudrún, embora isso redundasse de certeza numa tremenda barafunda, com os convidados do casamento a serem transportados de barco de um lado para o outro. A ideia ia ficar registada na sua mente como uma hipótese. Ele e Gudrún já estavam noivos há seis meses e começavam a pensar no futuro, no casamento e em filhos. Viviam no extremo ocidental de Reiquiavique, onde Gudrún arranjava há pouco tempo emprego num supermercado. Sim, talvez um belo dia os dois acabassem por se encontrar ali, em frente ao altar...

A pequena igreja não tinha muitos lugares recônditos e, a julgar pelo cheiro a bafio, Kristján calculou que a porta não era aberta há algum tempo. Só lhe fazia bem ser arejada. Depois de espreitar atrás do púlpito e debaixo dos bancos, Kristján saiu, aliviado por encher os pulmões com ar puro. Passou o seu olhar absorto pelo cemitério da igreja. Nesse preciso momento, a leve vibração de um motor interrompeu-lhe os pensamentos. Ao olhar para o mar, ele distinguiu à distância o barco de pesca, que rumava em direção à ilha numa marcha firme.

Kristján dirigiu-se lentamente para o cais, tentando relaxar e desfrutar do momento, apesar de ter recebido algo quase semelhante a um raspanete do seu superior, Eiríkur. Completamente imerecido, está claro. Ele apenas tentava fazer o seu trabalho, mas pessoas como Óttar e Ólöf tinham amigos influentes. Kristján disse para si próprio que não valia a pena deixar-se afetar por aquilo.

Enquanto aguardava que o barco aportasse, Kristján deixou-se ficar parado no cais. O sol libertava-se das nuvens e o vento tempestuoso que o recebera à chegada esmorecia para dar lugar a uma brisa suave. O jovem deixou o seu olhar percorrer lentamente a baía, sentindo, afinal, alguma pena do chapéu que o vento lhe arrebatara.

Os seus pensamentos regressaram à rapariga desaparecida. Era provável que estivesse escondida num lugar seguro qualquer, e que os pais estivessem a fazer uma tempestade num copo de água. Depois, veio-lhe à ideia que não sabia como ela era. Se não aparecesse, teria de pedir uma fotografia dela.

Sim, o mais certo era Lára ser encontrada, sã e salva, e que aquela fosse a última viagem dele a Videy durante o futuro mais próximo. Contudo, quando a velha embarcação acostou ao cais, Kristján foi assaltado pela sensação de que o caso estava longe de ter chegado ao fim.

1966

8 de agosto

A mulher estava sentada a uma das pequenas mesas do Café Mokka a ler um jornal. À sua frente, um *waffle* com natas e compota deixado a meio, e um café a arrefecer. A parede junto dela exibia a gravura de um cogumelo nuclear e os rostos aterrorizados de crianças. Contudo, nada disto atraía a atenção da mulher, de tal modo estava absorvida pela edição do dia do *Vísir*, com a reportagem sobre um crime nunca resolvido.

**INSPETOR KRISTJÁN KRISTJÁNSSON:
O DESAPARECIMENTO DE LÁRA CONTINUA
A ENSOMBRAR OS NOSSOS DIAS**

Há dez anos, Kristján Kristjánsson foi o primeiro agente da polícia a comparecer no local onde Lára Marteinsdóttir desapareceu. O experiente inspetor afirmou ao nosso jornal que o desaparecimento de Lára continua a ensombrar o país. Lára trabalhava como empregada doméstica na casa do advogado do Supremo Tribunal de Justiça Óttar Óskarsson e da sua mulher, Ólöf Blöndal, na ilha de Videy, quando desapareceu sem deixar rasto. À altura, a jovem tinha apenas 15 anos, sendo descrita como uma rapariga encantadora, estimada por todos quantos a conheciam. Dez anos mais tarde, o mistério do destino de

Lára continua por solucionar. Conforme Kristján Kristjánsson explicou ao *Vísir*, a polícia seguiu várias linhas de investigação, porém, nenhuma delas produziu qualquer resultado. Nunca se chegou a descobrir a pessoa que se teria oferecido para transportar Lára de barco para Reiquiavique, nem foram encontradas quaisquer pistas que pudessem ligar-se à rapariga desaparecida. A dado momento, chegou a falar-se em pedir a colaboração de agências policiais internacionais, porém, os últimos anos não trouxeram novos dados. É como se Lára se tivesse evaporado da face da terra.

A acompanhar o artigo, via-se uma fotografia granulada de uma bonita adolescente, com o cabelo e sobrancelhas escuros, usando um vestido de veludo com gola alta. Havia ainda uma fotografia de Kristján Kristjánsson, com óculos de aros de tartaruga e entradas no cabelo. A sua expressão, embora afável, revelava igualmente alguma fadiga, como se a busca de Lára o tivesse deixado exausto. A mulher fitou as duas fotografias durante algum tempo e depois fechou o jornal e levantou-se sem terminar o seu *waffle* nem o café. Dominava-a uma sensação crescente de ansiedade, conforme acontecia sempre que o nome de Lára lhe chegava aos ouvidos, e perdera o apetite por completo. Teria de se distrair pensando noutra coisa qualquer.

Deixou ficar o jornal em cima da mesa e saiu rapidamente do café, seguindo pela rua Skólavörðustígur, invadida por um vento agreste, com os andaimas da Hallgrímskirkja, a imponente nova igreja, a dominar a vista no topo da colina.

Kristján Kristjánsson, entretanto, estava sentado na velha esquadra de polícia na rua Pósthússtræti, em pleno centro de Reiquiavique, lendo igualmente um exemplar do *Vísir*.

Ainda não se tinha mudado para as instalações da polícia acabadas de estrear na rua Hverfisgata, mas estava ansioso ante a perspectiva de passar a trabalhar num edifício moderno, com todas as comodidades. Melhor ainda, quando isso acontecesse, ele levaria muito pouco tempo a chegar ao trabalho a partir de sua casa na rua Stangarholt. E ainda

era provável que lhe atribuíssem um gabinete próprio. Entregou-se a esses pensamentos agradáveis, por momentos, até regressar ao que estivera a ler.

O que terá sucedido a Lára? Uma pessoa desconhecida tê-la-ia levado no seu barco de Videy para Reiquiavique? Terá desaparecido no mar, a par da sua bagagem? Ou terá chegado a Reiquiavique, acabando por cair nas mãos de algum indivíduo sem escrúpulos? Teria simulado o seu próprio desaparecimento, e continuaria viva, talvez do outro lado do mundo, como um novo nome e uma nova família? Algum dos nossos leitores saberá, eventualmente, o que aconteceu à rapariga da fotografia?

Kristján suspirou. A especulação do jornalista contendia-lhe com os nervos. Parecia que banalizava a gravidade do facto de uma rapariga que nunca fizera mal a ninguém ter desaparecido e, receava ele, sofrido um destino terrível. Mas o que se poderia dizer numa entrevista como aquela, a não ser que se fizera tudo o que era possível?

Por outro lado, isso era verdade? Fizera ele tudo o que lhe era possível?

Kristján levantou-se bruscamente e aproximou-se da janela. O dia apresentava-se frio e cinzento, dando a entender que o outono iria chegar mais cedo nesse ano, com um vento ameaçador a soprar na rua Austurstræti e os transeuntes dedicados aos seus afazeres nas lojas e bancos vizinhos, de rostos crispados pela luta contra o vendaval. Aquele mês de agosto revelara-se anormalmente frio e tempestuoso, com o sol oculto atrás das nuvens a imprimir à rua e aos edifícios cinzentos um ar desolador.

O pensamento de Kristján recuou até ao mês agosto de 1956, dez anos antes. Para os dias em que, ainda a dar os primeiros passos como oficial principiante na polícia, tivera a primeira noção de como forças poderosas podem influenciar uma investigação. Para o momento em que o telefone tocara no gabinete de Óttar e Eiríkur, uma das mais eminentes autoridades da polícia, lhe dissera que o caso não merecia

qualquer atenção em particular. Kristján regressara à cidade, mortificado por aquela reprimenda, convencido de que se limitara a cumprir o seu dever, como qualquer polícia consciencioso o faria. No entanto, o que se podia dizer a um oficial superior numa situação daquelas? Esta era uma pergunta que Kristján se fizera repetidas vezes ao longo da última década, mesmo que nunca tivesse falado sobre isso a ninguém, salvo à sua mulher, que minimizara a questão, aconselhando-o a não pensar muito no caso; ele teria simplesmente de seguir em frente. E, depois, havia Högni. Kristján tinha plena noção de que também não dera seguimento à dica acerca dele... No entanto, na altura, não se sentira motivado a importunar membros proeminentes da sociedade com questões desconfortáveis.

É óbvio que o caso não fora dado por encerrado naquele dia de agosto, em Videy. Bem pelo contrário.

Quando Lára não regressou a casa, a rádio e os jornais divulgaram o seu desaparecimento. O caso causou impacto, dado ser bastante raro uma adolescente desaparecer na Islândia. Os grandes olhos negros da rapariga na fotografia impressa nos jornais pareciam encerrar uma mensagem para o público, como se Lára estivesse na posse de um segredo terrível. A polícia estava sob uma pressão enorme para a encontrar, e essa responsabilidade cabia a Kristján. Porém, este falhara no seu dever.

Na sua investigação, Kristján contara com a colaboração de outros agentes. Acompanhado por um deles, deslocara-se a casa dos pais de Lára, no bairro de Grjótathorp, um emaranhado de casas antigas de madeira e ruas estreitas que se alastrava pela encosta, a partir do centro da cidade. O casal começara a ficar apreensivo ao não receber o telefonema que a filha lhes fazia habitualmente aos fins de semana.

— A Lára ligava-nos sempre — dissera a mãe. A semelhança entre a mãe e a filha era extraordinária, a julgar pela fotografia de Lára divulgada pelos jornais. — A minha filha é uma pessoa muito caseira e sempre confiou em nós. Depois, ocorreu-lhe aquela ideia de trabalhar como empregada doméstica durante o verão, pelo que ofereceu

os seus serviços ao casal de Videy e foi aceite. Isso não me deixou surpreendida, já que a Lára tem boa presença e é muito trabalhadora.

O pai de Lára parecia um pouco mais velho do que a mulher. Ambos eram professores e não tinham mais filhos. O quarto da rapariga brilhava de asseio, com uma cama de metal branco coberta com uma manta de lã colorida que Lára tricotara nas aulas de têxteis da escola. Tinha bom gosto a combinar as cores, pensara Kristján na altura. Era estranho como pormenores de somenos importância ainda subsistiam na sua memória uma década mais tarde. O guarda-fatos estava cheio de roupas que ela não levava para Videy, vestuário de inverno, na sua maior parte, e também o vestido de veludo que ela usava na foto a preto-e-branco, e que ele verificara ser verde.

Junto a uma parede, via-se um toucador simples e a respetiva cadeira, ambos de aspeto artesanal, com alguns postais de uma prima de Lára de Copenhaga guardados na gaveta. Na estante, a par da Bíblia, havia vários romances, incluindo alguns de Halldór Laxness, o escritor islandês galardoado com o Prémio Nobel da Literatura pouco tempo antes.

O quarto não continha quaisquer pistas reveladoras do destino de Lára. Atrás dos romances da estante, Kristján encontrara um diário, mas reportava-se ao ano escolar de 1954–1955. No interior, na caligrafia cuidadosa de Lára, ele lera a descrição das refeições que a rapariga fazia em cada dia, bem como os seus comentários sobre os colegas da escola Austurbær, em particular os rapazes bem-parecidos.

Ao ser questionada por Kristján sobre se Lára costumava escrever um diário, a mãe da rapariga respondera afirmativamente, acrescentando que a incentivara a escrever sobre a sua vida na ilha.

— Esperava-se que fosse uma aventura — observara a mãe. — A minha Lára não tem tido uma vida fértil em acontecimentos. Preparava-se para fazer os exames finais e trabalhava ao balcão de uma leitaria durante os tempos livres. O trabalho em Videy era uma oportunidade para ela viver uma aventura e talvez até amadurecer um pouco. — A mãe pronunciara as últimas palavras com os olhos marejados de lágrimas. — Ela teria feito muito melhor em não ir,

é o que eu acho. Só tinha 15 anos, e agora... — Tanto quanto Kristján se recordava, a mulher não chegara a acabar a frase.

O polícia também se lembrava de ter perguntado se havia alguma hipótese de Lára estar a pensar encontrar-se com alguém em Reiquiavique nesse fim de semana fatídico. O pai da rapariga indicara que Lára não tinha namorado.

— A Lára foi sempre muito chegada a nós — referira ele. — Não consigo acreditar que ela viesse a Reiquiavique sem nos dizer alguma coisa.

Kristján podia referir inúmeros exemplos de jovens que tinham os seus próprios motivos para não revelar aos pais aquilo que se preparavam para fazer. Contudo, conforme se verificara posteriormente, nenhuma das amigas de Lára contactadas pela polícia tinha conhecimento de namorados ou outros homens na sua vida com quem ela hipoteticamente pudesse ter fugido.

De acordo com o relato dos pais, Lára travara conhecimento com Óttar e Ólöf, o casal que vivia em Videy, através de uma rapariga que trabalhara para eles no verão anterior. Kristján chegara a ponderar se valia a pena falar com ela, mas acabara por não considerar isso prioritário. Afinal, concluía ele, o que poderia a rapariga saber sobre o destino de Lára?

Lára telefonava aos pais todas as semanas e parecia levar uma vida sem problemas. Claro que ela jamais se queixaria estando ao alcance dos ouvidos dos patrões, no entanto, os pais tinham a convicção de que a filha parecia feliz. Ela partira de barco para a ilha no início de maio, tencionando voltar apenas no final de agosto. Mais tarde, de acordo com o relato de Óttar e de Ólöf, a rapariga anunciara inesperadamente que não ia cumprir o contrato até ao fim. Aquela era uma informação que a mãe de Lára tinha dificuldade em aceitar:

— Posso garantir-lhe que não é próprio da Lára deixar alguma coisa por terminar. A minha filha chegava sempre a horas à leitaria e jamais quereria ser considerada uma pessoa que não honrava os seus compromissos — dissera ela.

Kristján despertou bruscamente da sua reflexão, dando por si parado junto à janela da esquadra da polícia. Acabou de beber o café já frio, fazendo um esgar perante o sabor amargo. A história de Lára continuava a assombrá-lo. Embora o desaparecimento tivesse ocorrido há bastante tempo e fosse provável que todas as pistas já tivessem desaparecido, não tencionava dar o caso por encerrado. O sofrimento no olhar dos pais era tão profundo que ele faria qualquer coisa para aliviar a sua dor.

Naquela altura, elegera-se como hipótese mais provável que Lára tivesse aceitado uma boleia de barco de alguém e que alguma coisa lhe tivesse acontecido antes de chegar à costa ou, mais tarde, a Reiquiavique. Ele supunha que aquela fora a explicação mais conveniente: um vilão desconhecido, um crime terrível que jamais seria resolvido.

Todavia, Kristján não conseguia deixar de se perguntar se não teria sido melhor a polícia focar a sua atenção em Videy. É claro que a ilha fora palco de buscas, sem que se detetasse algum vestígio da rapariga. E Óttar e Ólöf haviam mantido a sua história: Lára desistira do seu trabalho e regressara a Reiquiavique. Ele tinha a noção de que a polícia devia ter procedido a buscas mais exaustivas, e submetido Óttar e Ólöf a interrogatórios rigorosos.

A polícia difundira um apelo a quem pudesse ter dado boleia de barco a Lára naquele fim de semana, mas ninguém aparecera. Do mesmo modo, o próprio capitão do porto de Reiquiavique fora incapaz de fornecer alguma informação concreta sobre embarcações que tivessem feito o percurso entre Videy e o continente naquela sexta-feira. Dado a ilha distar pouco mais de quatro quilómetros do ponto mais próximo da costa de Reiquiavique, um pequeno barco poderia ter aportado na ilha sem chamar a atenção, e esse barco não teria necessariamente de rumar a Reiquiavique no caminho de regresso. As investigações da polícia não tinham produzido quaisquer resultados. Várias equipas de busca haviam esquadrinhado as zonas costeiras, sem encontrar, contudo, qualquer vestígio de um corpo ou qualquer um dos pertences de Lára. A rapariga desaparecera sem deixar rasto.

Não admirava, então, que o caso tivesse despertado a atenção do país. Não se podia apontar a Lára nada que a desacreditasse; ela não tinha segredos e parecia ter sido uma rapariga com quem qualquer pessoa se identificava; uma rapariga que queria simplesmente mudar de ares. Que deixara a casa da sua família durante o verão, com a esperança de ganhar um pouco de maturidade e independência, cumprindo os seus deveres conscienciosamente, até ao preciso momento em que decidira deixar o seu emprego antes de tempo; se essa fosse a verdade.

A partida de Lára de Videy era um mistério absoluto... A não ser, claro, que ela nunca tivesse chegado a sair da ilha.

Uma ilha remota. Uma rapariga desaparecida. Uma cidade que esconde os seus segredos.

Islândia, 1956. Lára, de 15 anos, passa o verão a trabalhar para um casal na pequena ilha de Videy, perto da costa de Reiquiavique.

No início de agosto, a rapariga desaparece sem deixar rasto.

O mistério torna-se o maior caso não resolvido da Islândia. O que aconteceu com a jovem? Estará ainda viva? Terá saído da ilha ou aconteceu-lhe, porventura, alguma coisa?

Trinta anos depois, em agosto de 1986, aquando do 200.º aniversário de Reiquiavique, o jornalista Valur Robertsson inicia a sua própria investigação sobre o caso. Mas conforme se aproxima da verdade, e com os olhos da cidade postos nele, torna-se claro que existe alguém interessado em que o desaparecimento de Lára permaneça um mistério sem solução...

«Um thriller habilmente construído por dois extraordinários parceiros no crime.»

Anthony Horowitz

Leia também:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897873874



9 789897 873874 >